

Volume 2, Número 1, 2025

Entre Tropas e Tradições: O Cemitério Redondo como Patrimônio Caboclo Catarinense

Entre Tropas y Tradiciones: El Cementerio Redondo como Patrimonio Caboclo Catarinense

Ernoi Luiz Matielo¹

Humberto José da Rocha²

Resumo: Este artigo investiga a origem do Cemitério Redondo e o contexto histórico de violência e desafios no percurso dos caminhos das matas, ao longo da trajetória de surgimento do município de Piratuba no interior do estado de Santa Catarina, Sul do Brasil. Tem como objeto apresentar novas descobertas feitas sobre os acontecimentos que permeiam os principais sepultamentos no campo santo, estabelecendo como marco temporal aproximado o período entre 1897 e 2007. Metodologicamente o trabalho guiar-se-á pela pesquisa bibliográfica e documental a partir de registros oficiais e história oral referencial. Direciona-se sob a perspectiva da Narrativa Histórica. Deste modo, objetiva-se elucidar questionamentos que por décadas permeiam o imaginário popular local, além de reafirmar a presença da cultura e colonização cabocla, como precursora na ocupação regional pelos caminhos e tropas, no pós-presença dos povos originários.

Palavras-chave: Cemitério Redondo. Colonização Cabocla. Violência. Caminhos e Tropeirismo.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Chapecó. E-mail: ernoy4@hotmail.com / <https://orcid.org/0009-0008-1360-5515>

² Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) E-mail: humberto.rocha@uffs.edu.br / <https://orcid.org/0000-0001-9943-9125>

Resumen: Este artículo investiga el origen del Cementerio de Redondo y el contexto histórico de violencia y desafíos en los senderos forestales, a lo largo de la trayectoria del surgimiento del municipio de Piratuba, en el interior del estado de Santa Catarina, sur de Brasil. Su objetivo es presentar nuevos descubrimientos sobre los eventos que permean los principales entierros del cementerio, estableciendo como marco temporal aproximado el período comprendido entre 1897 y 2007. Metodológicamente, el trabajo se guiará por la investigación bibliográfica y documental basada en registros oficiales y la historia oral como referencia. Se orienta desde la perspectiva de la Narrativa Histórica. De esta manera, busca dilucidar cuestiones que han permeado el imaginario popular local durante décadas, además de reafirmar la presencia de la cultura caboclo y la colonización, como precursora de la ocupación regional por los senderos y las tropas, tras la presencia de los pueblos indígenas.

Palabras clave: Cementerio de Redondo. Colonización caboclo. Violencia. Senderos y tropeirismo.

1. Introdução

A construção da memória histórica e identidade étnica de uma comunidade não se faz apenas por seus registros oficiais, mas também pelos espaços simbólicos que guardam elementos da cultura, da dor, da resistência e especialmente da ancestralidade. É nesse sentido que a presença do Cemitério Redondo na composição do paisagístico rural do município de Piratuba, interior do estado de Santa Catarina, assume papel central como objeto de estudo deste artigo. Para além de um mero campo santo, esse espaço funerário revela fragmentos perdidos no esquecimento ou silenciados da história local, especialmente no que se refere aos processos de ocupação territorial, aos embates socioculturais e à trajetória de comunidades caboclas em meio à violência estrutural e ao isolamento dos caminhos das matas.

Apesar de integrar o patrimônio material e imaterial da região, o Cemitério Redondo permanece, em grande parte, envolto por narrativas fragmentadas e lacunas documentais, tornando-se um elemento enigmático do imaginário piratubense. A escassez de estudos sistematizados e a ausência de uma historiografia consolidada sobre o tema justificam a relevância desta investigação, que busca revelar aspectos ocultos da história local, especialmente no recorte temporal que abrange de 1897 a 2007. A partir de uma abordagem que combina pesquisa bibliográfica, documental e, sobretudo, história oral, o presente trabalho propõe-se a reconstruir, por meio da narrativa histórica, os significados sociais e simbólicos do Cemitério Redondo, valorizando a memória coletiva e reafirmando a presença dos sujeitos caboclos como

agentes fundadores da ocupação regional, em continuidade ao legado dos povos originários.

O cemitério em questão, singular em sua forma e em seu contexto de fundação, tornou-se uma referência histórica pouco documentada, mas profundamente preservada no saber popular. Seu formato circular, seus sepultamentos em diferentes níveis cronológicos e sua localização estratégica em uma antiga rota de tropeirismo, evidenciam marcas de um tempo de intensos fluxos humanos e conflitos territoriais. No entanto, muito do que se sabe sobre este espaço provém de narrativas transmitidas oralmente, por moradores antigos, lideranças comunitárias e descendentes dos primeiros habitantes. São essas vozes que, por vezes marginalizadas pelos discursos oficiais, constituem fontes primárias de inestimável valor para a compreensão dos sentidos atribuídos à morte, memória e identidade cultural de Piratuba.

Metodologicamente, esta pesquisa ancora-se na triangulação entre fontes bibliográficas, registros documentais e, de maneira especial, nos testemunhos orais. A escolha pela história oral enquanto método não se dá por acaso: trata-se de uma estratégia epistemológica que permite acessar camadas de significação muitas vezes inacessíveis aos documentos escritos, captando memórias subjetivas, versões familiares dos fatos e interpretações vivenciadas do passado. Nesse contexto, recorremo-nos, ao uso estratégico de entrevistas captadas em distintos períodos, as quais além de reconstituir fatos históricos, apresentam-se como elemento de compreensão para os sentidos atribuídos ao Cemitério Redondo e aos personagens que ali estão sepultados.

Deste modo, o presente trabalho se propõe posicionar o Cemitério Redondo, para além de um campo de disputa na reconstrução e de reconhecimento de identidades sociais, na investigação da origem e a evolução do coletivo de sepulturas, o que de maneira especial contribui para a valorização da cultura cabocla, tão presente na formação histórica da região. Ao reafirmar sua centralidade na ocupação territorial pós-presença indígena, destaca-se a relevância desses sujeitos como agentes históricos e guardiões de saberes tradicionais. Com isso, espera-se ampliar a visibilidade sobre uma história que, embora subterrânea em muitos aspectos, pulsa viva nas reminiscências e na dialética simbólica de um povo que resiste, cultua e se reconhece em seus antepassados para a eternidade na morte.

2. Campo Santo Circular: Vestígios do pioneirismo caboclo no paisagismo turístico de Piratuba

Nos campos de Linha Serraria, região de cordilheiras rurais do município turístico de Piratuba, no Vale do rio do Peixe, interior catarinense, região de Fronteiras Sul-Brasileiras, um círculo formado com pedras basálticas, chama a atenção de viajantes e turistas, que transitam pela região. A estrutura que desperta curiosidade, fica às margens da SC 390, no KM 17, nas proximidades do trevo de acesso à Rota das Águas, na divisa com o município de Capinzal, em um dos pontos mais elevados da cidade turística, à uma altitude de 670 metros acima do nível do mar. O marco de antigas existências humanas, que se distancia dos padrões de construções tradicionais é conhecido como Cemitério Redondo, admitido como um dos mais antigos locais de sepultamento que se tem conhecimento naquela região. 1930).

Apesar de a formação circular ter sido construída pelo homem, o ordenamento de sepulturas que se opõe aos formatos costumeiramente retangulares, desperta curiosidades, suscitando diversas lendas e contos populares sobre sua origem e especialmente sobre a nomenclatura e estilo do campo santo, considerado incomum. Cercado de mistérios, por décadas o conjunto de sepulcros, instigaram questionamentos, até que nos anos 2000, o desejo de transformar o local em um atrativo turístico, levou integrantes da comunidade, à uma investigação preliminar sobre os contextos envolvendo a nomenclatura do cemitério:

A principal inquirição, nos é oferecida pelo escritor piratubense, Cláudio Victor Rogge (2014), que nos apresenta uma versão, extraída da cultura popular local, que a inferência era um termo bastante usado por uma antiga moradora das imediações e que dada à popularidade da integrante da comunidade, passou a domínio do público, recebendo um importante significado na localidade. Para o autor, o espaço de sepultamento teria surgido para receber vítimas de mortes encomendadas, os ditos crimes de tocaia, assassinatos em que dado ao requinte de crueldade, os mortos caiam das montarias, em uma posição curvada, com o corpo arredondado. A frequência dos crimes contra a vida, seria a responsável pela alusão do “cemitério dos redondos” (ROGGE, 2009 p.56).

Os levantamentos também receberam contribuições do engenheiro agrônomo Adélio Spanholi, então empreendedor turístico, no período da pesquisa inicial. A experiência com os costumes dos moradores locais, o levou a compreender, que após sentirem o impacto mortal dos disparos de arma de fogo, se jogavam ao solo, caindo amontoados na agonia final (SPANHOLI, 2025).



Fonte: Acervo Pessoal – Piratuba - SC (2025)

Contudo, apontamentos inéditos, apresentaram uma nova contribuição para as hipóteses de nomenclaturas do Cemitério Redondo, revelando detalhes impressionantes sobre os levantamentos preliminares das fontes supracitadas, sobre as múltiplas indagações, que por décadas permaneceram encobertas para a história. A nova investida no caso em tela, foi realizada na atualidade pelo pesquisador Soeliton de Oliveira, servidor público da Prefeitura de Piratuba. Na época, Oliveira (2025), foi procurado por uma senhora, a qual buscava localizar a sepultura de um ente familiar, enterrado no local. Instigado pelo tema, Oliveira (2025), buscou saber se a mulher, que à época apresentou-se como moradora de Herval d'Oeste, se ela teria conhecimento de algum relato sobre o contexto do referido cemitério. Surpreendentemente a mulher a qual identificou-se como Salete Ribeiro, realizou um relato de próprio punho sobre o campo santo, tendo ainda confiado informações detalhadas sobre o espaço destinado para sepultamentos.

Conforme Ribeiro (2007), o Cemitério Redondo, passou a ser conhecido pela referida nomenclatura, por estar situado em uma pequena gleba de terra, localizado em uma encruzilhada, no caminho de acesso para diversos destinos, incluindo Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul e a estrada que seguia para o local onde surgiria Piratuba. Naquela época, recorda Ribeiro (2007), que caminhos de terra, haviam sido abertos pela ação humana, sem o uso de maquinário mais avançado. Segundo a relatante, por volta de 1.887, entre o período logo após a Revolução

Farroupilha (1835 – 1845) e a o início dos combates da Revolução Federalista (1893 – 1895), ocorreram os primeiros sepultamentos no local, abrigando corpos de vítimas de ações criminosas, muito comuns na região, viajantes falecidos pela exaustão e fadiga dado aos percursos de longas distâncias e até mesmo tropeiros mortos em acidentes ou confronto com animais durante tropeadas (RIBEIRO, 2007).

O local, teria sido definido, segundo Ribeiro (2007), não meramente por obra do acaso e sim, dado ao fato de se tratar de uma encruzilhada, ponto de encontro e de acesso para diversos caminhos, onde também era possível visualizar ao longe, especialmente as paisagens gaúchas as quais ficavam visíveis aos olhos dos viajantes, logo após as margens do Rio Uruguai, divisa natural entre os estados de Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, conhecido, no entanto à época como Rio Pelotas (RIBEIRO, 2007).

Neste ponto, surge também a colaboração de Souza (1994), que relembra as diversas passagens pelo local, anos mais tarde, transitando entre a antiga comunidade de Picadão e a sede do município de Campos Novos. Para o antigo colonizador e subdelegado de polícia, que chegou a região em 1911, o Cemitério Redondo, era local estratégico de parada para o descanso após longas jornadas, que se davam, seja em direção ao Planalto catarinense, ou ao estado do Rio Grande do Sul, o qual podia ser acessado por diversos passos, seja pelo do Pelotas em Lageado Mariano, o do Tortato em Linha São Paulo ou o do Chico Inácio em São José, tematização da qual apresentaremos com maior profundidade mais à frente (HARO, 1950, p. 46; SOUZA, 1994).

As reminiscências da ex-moradora da localidade rural, garantem um relato rico em detalhes, que se aproxima com fidelidade do real cenário original: Para Ribeiro (2007), inicialmente, segundo os mais antigos, as sepulturas não possuíam qualquer delimitação, mas por estarem desprotegidas, o local fechado com pau-a-pique, o que por longo período evitou a ação de animais, como o gado, que segundo a relatante era criado em abundância na localidade A antiga moradora relembra ainda, que era comum a circulação de tropas, mesmo no início do século XX, citando a passagem do gado de um estado ao outro, realizado especialmente pelas famílias Lopes e Antunes (RIBEIRO, 2007).

Com o passar dos anos, segundo Ribeiro (2007), as madeiras que contornavam o cemitério, precisaram ser substituídas, momento em que ripas serradas, foram usadas no lugar da madeira bruta. As ripas, trabalhadas nas pontas superiores, remetem a descrição que Souza (1994), costumava fazer sobre o antigo cercamento que por décadas foi utilizado no cemitério de Zonalta, no velho Picadão, o

que parece-nos ser um modelo usado com certa frequência na construção de cercas no período.

Inadvertidamente, a mesmo contorno de proteção, instalado para evitar o acesso de animais, em dado momento, ganhou outra função, seguindo o sentido oposto de sua usualidade: Curiosamente, um certo dia em uma das tropeadas costumeiras, realizadas por Juvelino Almeida e Afonso Conseau, uma conhecida dupla de tropeiros, seguia caminhos pela região, com uma vasta tropa, quando parte dos animais se separou do rebanho principal e acabou se perdendo no trajeto. Foi então, que de acordo com as memórias de Ribeiro (2007), os tropeiros decidiram encurralar o gado no cemitério e organizar uma expedição pelas matas, em busca dos animais arredios. Ao retornarem como a tropa esparsa, foi preciso mobilizar ainda mais trabalho, já que o gado preso no cemitério acabou derrubando o curral improvisado e saído em disparada mundo à fora (RIBEIRO, 2007).

É de conhecimento popular, segundo Oliveira (2025), que os cemitérios, via de regra estivessem ligados à uma igreja ou denominação religiosa, sendo especialmente a Igreja Católica e a Luterana, as religiões predominantes na região naquele período. Tanto que os sepultamentos obedeciam a critérios rígidos como o de cada segmento religioso possuir o seu espaço destinado ao sepultamento de seus entes. Outra definição era a de que vítimas de suicídio, não compartilhavam do espaço comum do interior do campo santo. Havia também uma regra mantida por décadas pelos católicos, que era a de não sepultarem crianças pagãs, ou seja, as que prematuramente morressem sem receber os dons do batismo. Mas este não parece ser o conjunto de procedimentos adotados para os funerais no Cemitério Redondo, tanto que segundo Ribeiro (2007), após nova denominação do espaço, o primeiro ser humano a ser enterrada neste local teria sido uma criança da família, muito provavelmente um recém-nascido da família Teodoro da Silva (RIBEIRO, 2007; OLIVEIRA, 2025)

Os relatos sobre o sepultamento da referida criança, trazem uma outra revelação que explica em tese, o misticismo sobre a cruz de madeira que vivificou e se tornou uma árvore: O acontecimento real, testemunhado por diversos moradores locais, teria origem na colocação de uma cruz de cedro na cabeceira do sepulcro do recém-nascido. Surpreendentemente, com o passar dos dias as madeiras da cruz, teriam criado raízes e arborizado (RIBEIRO, 2007).



Figura 2: Cemitério Redondo anos 2000. **Fonte:** Acervo Pessoal – Piratuba - SC (2025)

Embora os estudos de Rogge (2009), também contribuam com a afirmação de que uma árvore originada a partir de uma cruz tenha existido e permanecido por décadas no centro do Cemitério Redondo, a origem do fenômeno, é atribuída por ele à passagem de um dos monges do Contestado em peregrinação pela região. Ainda que se deixem de lado os aspectos científicos que poderiam explicar ou refutar a possibilidade de uma cruz se converter em uma árvore, o simbolismo envolvido na história do pé de cedro é inegável. A contribuição de Rogge (2014), recebe amparo nos estudos de Savoldi (2020), que versa sobre a simbologia da cruz de cedro, as quais eram colocadas sobre as sepulturas dos mortos *Kaingang* como parte de um costume funerário que expressava respeito e ligação espiritual com os ancestrais. Tal gesto ritual incorporava práticas do catolicismo caboclo, especialmente influenciado pela figura do monge João Maria, conhecido como São João Maria pelos indígenas, o qual em suas peregrinações, deixava cruzes de cedro nos locais onde pernoitava. Cruzes essas que, segundo a tradição, brotavam e viravam árvores quando o lugar era abençoado. A prática ancestral *Kaingang*, foi testemunhada no Toldo Chimbangue, na região do Oeste catarinense, onde à exemplo do Cemitério Redondo, a cruz de cedro introduzida à terra na sepultura do cacique Antônio Chimbangue, brotou, representando a continuidade da vida (SAVOLDI, 2020). No Cemitério Redondo, tão emblemático quanto a origem, é o desaparecimento da árvore que se tornou símbolo do local, ocorrido nos primeiros anos da década de 2000, cujas razões para extinção da árvore, serão apresentadas no próximo item (ROGGE 2009; A SEMANA, 2025).

Retomando a explanação, Ribeiro (2007), avança na apresentação de detalhes dos sepultamentos, evidenciando o trágico passamento de Crecencio Vieira, tendo

sido assassinado à tiros em 1965, na comunidade de Nova Beleza. Outra tragédia se abateu sobre o jovem João Ribeiro, que faleceu com apenas com 22 anos após cair de uma palmeira, em 1951. Integrando o conjunto de casos atípicos, também encontram-se enterrados no local, Juvelino dos Santos, que teria sido assassinado e Luiz Veríssimo, um compadre da vítima, que morreu ao receber a notícia do ocorrido. O cortejo, seguiu em acompanhamento à carroça de bois, que em uma mesma viagem teria levado os mortos para o descanso final (RIBEIRO, 2007).

A ex-moradora, reitera que embora não exista um registro oficial, as informações sobre os entes sepultados naquele campo, foram repassados de geração em geração, desde o final do século IXX, uma vez que muitos dos sepultamentos eram realizados pela própria família dela. As falas de Ribeiro (2007), trazem as figuras de Analia Ribeiro, Conceição Ribeiro, Juvenal Ribeiro, Maria Inês Ribeiro e Antônia Ribeiro, além das crianças Jose Ribeiro, Antonia Martinazzo e Salvina Schermann, como os enterros dos quais teve conhecimento mais aprofundado. O último sepultamento a ser realizado no espaço, teria sido do corpo de Luiz Ribeiro, homem que à exemplo da maioria dos integrantes do cemitério, perdeu a vida de maneira trágica, vítima de um atropelamento ocorrido na região (RIBEIRO, 2007).

As memórias de Salete Ribeiro (2007), também denunciam a violência vivida na região, no início do século passado. As revelações da ex-moradora, são de que muitas das pessoas enterradas nos primeiros períodos no local, foram barbaramente assassinadas, como foi um dos casos que aconteceu por volta de 1908, em que um tropeiro cujo o nome era desconhecido, que vindo do Rio Grande do Sul, decidiu pernoitar em um galpão, onde se localiza atualmente a região de Lageado Mariano. O corpo do homem que teria sido morto enquanto dormia, foi localizado no outro dia por moradores da localizada, já sem os pertences pessoais (RIBEIRO, 2007).

Tais relatos reverberam também nas recordações dos primeiros tempos vividos por Batista José de Souza (1994), na região. Para o gaúcho que deixou as Colônias Velhas, para aventurar-se pelos rincões catarinenses, como se não bastasse os riscos naturais da floresta, com caminhos perpassados por trilhas de animais ferozes como o leão baio, o trânsito de fugitivos da justiça, bandoleiros e assaltante, faziam do cotidiano local, uma jornada de grandes perigos (SOUZA, 1994).

Todavia, as sepulturas dos redondos, apresentou-se ao longo das primeiras décadas do último século, como a firme representação de um ambiente dominado pelo caos e a barbárie humana. Os relatos populares de emboscadas, assassinatos de viajantes e colonizadores, integra-se ao cenário de convulsão social e humana, testemunhado ao longo dos anos que sucederam-se as obras da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, em que os períodos que coincidem com o surgimento do

Cemitério Redondo, foram marcados pela violência física moral, institucional e individual, empregue contra operários construtores. Este capítulo da história ferroviária foi amplamente examinado por Espig (2008), onde a pesquisadora revela que foi possível investigar ataques à trabalhadores, realizados por nativos que habitavam o Vale do Rio do Peixe e o consequente revide por parte do Corpo de Segurança da Companhia construtora. O clima de hostilidade e insegurança, alcançou o ápice da escalada com o episódio do Assalto ao Trem Pagador, orquestrado por José Antônio de Oliveira, O Zeca Vaccariano às margens do Ribeirão da Cruz, no atual município de Pinheiro Preto – SC, em outubro de 1909 e o flagelo da Guerra do Contestado (1912 – 1916) (SPIG, 2008; MATIELO, 2023).

A ousadia da lida com o gado rústico e o processo da extração da erva-mate, integram os elementos que ao longo da época, refletem os riscos do trabalho nas vastidões de campos e matas, exigindo precauções como facões, facas, armas de fogo e relho, tornando-os objetos comuns do cotidiano, concorrendo para o condicionamento cultural da violência, bem como sua legitimação no Meridional do Brasil, especialmente nas regiões marginais dos rios Paraná e Uruguai, combinando atribuições de labor e pistolagem (ROCHA, 2020). A ocupação intempestiva do território e ausência de definições oficiais de limites instituiu na Região de Fronteiras Sul-Brasileiras, os homens da fronteira, indivíduos que à exemplo do que analisa Franco (1997), sobre o interior paulista, projeta-se a partir de valores centrados na coragem pessoal (FRANCO, 1997, p. 51; ROCHA, 2020, p. 6).

A legitimação da violência, conforme se vê nas áreas de entorno do Cemitério Redondo, assim como a da região Meridional é apresentada por Rocha (2020), que refere-se ao Paraná da época como uma zona onde apesar da amizade ser considerada como fundamental, para um homem, andar sem revólver seria comparado com um sujeito andar nu. O autor comprehende que o homem rural necessitava andar armado para proteger-se dos perigos da selva. Desta maneira, no Paraná, assassinatos em brigas de bodegas ou corridas de cavalo, não eram considerados criminosos irreparáveis. Já os ataques contra famílias, matar para roubar ou praticar desonras eram atos altamente reprováveis, pois desequilibrava o bem viver nas sociedades pioneiras (ROCHA, 2020 p.7). No que se refere ao interior catarinense, Rocha (2020) aporta-se em Marquetti (2019) para inferir que o cotidiano do Oeste de Santa Catarina esteve marcado pela violência cotidiana, a qual poderia ser observada como algo necessário, sendo o uso de armas imprescindível e prestigioso. Com a violência institucionalizada a qualquer momento transformar um homem pacífico, ligado à família, poderia se tornar um criminoso (ROCHA, 2020 p.7). Nesta conjuntura, o interior catarinense, à exemplo do Sul do Brasil em sua totalidade, historicamente

congregou elementos ao longo dos tempos os quais concorrem para conjecturar uma origem para o banditismo social. As características das Fronteira Sul-Brasileiras, de baixa densidade populacional, estimularam a cultura da violência cotidiana a qual se modificou com a afirmação dos limites entre os povos e de naturais iniciativas de modernização (ROCHA, 2020).

Com tamanha violência, dominando a dialética das comunidades recém-formadas no Vale, o surgimento de um cemitério permeado por contos, mistérios e tragédias encobertas pela terra vermelha, acaba se tornando um acontecimento que ganha contornos de naturalidade, diante de um cenário de sangue, suor e lágrimas.

3. Da Profanação ao Turismo: O Rompimento do Descanso Eterno nos Concorridos Caminhos do Sertão

Nos ermos do velho Sertão, onde trilhas poeirentas testemunham o surgimento de um cemitério que deu origem à crenças e superstições, que vão do sobrenatural ao contexto da fé cristã e o culto da alma, o silêncio das vidas ceifadas em tocaias, ganhou um grito de esperança. Após permanecer negligenciado por décadas, tratado com impiedade por diversos momentos ao longo da história, um novo capítulo, se inaugurou papa o local de repouso eterno a partir de 1996. Neste período, conforme Rogge (2014), um inventário turístico realizado no município, identificou o Cemitério Redondo, entre as potencialidades do entorno da comunidade de Linha Serraria, possíveis de evoluírem para produtos, cujo trade incluía ainda casas típicas germânicas, a edificação da igreja luterana, além do paisagístico local e a Cascata do Monge. O autor destaca que um curso de turismo rural e ecológico, ministrado para a comunidade local, foi passo decisivo para uma intervenção de recuperação do cemitério, que na época encontrava-se encoberto pela vegetação. Os anos seguintes trouxeram diversas descobertas sobre os aspectos históricos locais, prospectado em uma jornada técnica, visando o resgate histórico-cultural. O principal desafio enfrentado, foi a redefinição do contorno, com a adoção de muralha com elementos naturais, definindo-se assim pela construção em pedra basáltica. Um morador local, com experiência, assumiu o ofício de erguer a taipa de pedras ao redor do cemitério, fazendo ainda a deposição de antigas cruzes, junto da antiga cruz das almas, elemento central, que assim como os sepulcros, recebeu revitalização (ROGGE, 2014 p.56).

Na época que coincide com o início dos anos 2000, também esteve marcada pela ação de estudantes da Socioambiental, uma escola de contraturno do município, que assumiu os serviços de controle da vegetação e recuperação da área, enquanto que um clube de mães da comunidade de Linha Serraria, passou a cuidar da manutenção do campo santo. Instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – (SEBRAE) e a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – (EPAGRI), estiveram ao longo do tempo, integrados aos projetos que consolidaram o Cemitério Redondo, com um dos principais pontos turísticos da Rota do Engenho, no interior de Piratuba (ROGGE, 2014 p.56; SPANHOLI, 2025).

Apesar do formato atípico do campo santo, estudos apontam que a existência de cemitérios circulares não é uma exclusividade dos sepultamentos localizados no interior de Piratuba: O Cemitério Redondo de Sayalonga, que fica na província de Málaga, é possivelmente o único cemitério totalmente circular da Espanha, cuja construção remete ao início do século XIX. Seu interior originalmente possuía sepulturas em domos sobrepostos, remete a formação de um favo de mel branco, sendo na atualidade um dos principais atrativos turísticos locais. Em Serra Leoa, encontra-se o Circular Road Cemetery, inaugurado em 1827 em Freetown, projetado para aproveitar o espaço limitado entre edificações que cercavam o antigo cemitério. Embora nos dias atuais com o crescimento urbano ao redor, mantém seu traçado circular original. Outro exemplo de campo circular é o Lower Circular Road Cemetery, que fica em Calcutá, na Índia. Também do século XIX (c. 1840), o espaço situa-se no cruzamento da Mother Teresa Sarani com a Acharya Jagadish Chandra Bose Road. É conhecido por abrigar milhares de sepulturas, inclusive de ex-funcionários da Companhia Britânica das Índias Orientais, e segue recebendo novos sepultamentos (HISTORIC, 2025; THOMPSON, 2025; WIKIPEDIA, 2025a; WIKIPEDIA, 2025b).

Retrocedendo mais à fundo na história, os contextos pré-históricos e arqueológicos, nos apresentam os conjuntos de barrows, que são morros funerários circulares, como o Cursus Barrows em Wiltshire, na Inglaterra, os quais são à luz da verdade, túmulos megalíticos agrupados em cemitérios de barrows, e não de cemitérios urbanos com uma infraestrutura moderna (HISTORIC, 2025; THOMPSON, 2025; WIKIPEDIA, 2025a; WIKIPEDIA, 2025b).

Como é possível ser observado, na maioria dos cases, se não em sua totalidade, os cemitérios são espaços que vão além da veneração e culto aos mortos. A prática de visitação à cemitérios como atividade turística, é bastante comum em diversos países, sendo conhecida como necroturismo. No Brasil a iniciativa apresenta-se como forma de turismo cultural e de memória, valorizando cemitérios

históricos que reúnem arte funerária, narrativas de vida e de patrimônio arquitetônico (ARAÚJO e SANTOS, 2020).

Entre os roteiros mais procurados, destaca-se o Cemitério da Consolação em São Paulo, e o São João Batista, no Rio de Janeiro, os quais oferecem visitas guiadas alicerçadas em biografias de personalidades e esculturas monumentais (CIDADE DE SÃO PAULO 2025; CIDADE DE RIO DE JANEIRO, 2025). Já em Salvador, o Cemitério de Santa Ifigênia atrai pelo sincretismo e azulejos portugueses. Em Olinda, o de São Miguel Arcanjo integra-se ao conjunto colonial da cidade. As modalidades variam de passeios diurnos a tours temáticos noturnos, sempre buscando equilíbrio entre o respeito aos mortos e a experiência imersiva dos visitantes. Tendências atuais incluem digitalização de acervos, uso de audioguias e engajamento comunitário na mediação das histórias locais (SALVADOR, 2025; OLINDA, 2025).

Na região de Fronteiras Sul-Brasileiras, cemitérios ligados à Guerra do Contestado (1912-1916), aos poucos estão se tornando locais de visitação e acessíveis a pesquisas com vistas aos aspectos históricos, geográficos, demonstrando seu vasto potencial arqueológico, conforme Lino (2012). Entretanto, este não nos parece ser em um primeiro momento o perfil de categorização do Cemitério Redondo, o qual apesar de sua relevante contribuição sociocultural, e embora exerce certa contemporaneidade incipiente, muito provavelmente, não teve como razão de surgimento o sepultamento de povos indígenas ou vítimas da campanha do Contestado. Salvo o surgimento de evidências que apresentem uma nova hipótese, seguiremos com os dados já levantados, que o referido local serviu de acolhimento a sujeitos que não raras vezes perderam a vida no anonimato das florestas e picada, reivindicando a forte presença da colonização cabocla e do tropeirismo, distanciando definitivamente dos cemitérios visitados por abrigar o sepulcro de grandes personalidades (SOUZA, 1994; SPANHOLI 2025). Por outro lado, cabe destacar que os rituais de sepultamento indígenas *Kaingang*, especialmente os observados no Toldo Chimbangue, se aproximam em certa medida dos procedimentos fúnebres dos povos caboclos e envolvem práticas tradicionais, como o enterramento do morto com seus pertences, em posição sentada, voltado para o leste, simbolizando o renascimento. As cerimônias incluem cânticos, choro coletivo e o respeito ao local sagrado como espaço de continuidade espiritual. A morte não representa fim, mas passagem e retorno à terra, reforçando os laços entre vivos e ancestrais (D'ANGELIS, 1984).

Outrossim, faz-se necessário retomarmos a arguição inicial, já manifestada por Ribeiro (2007), que reverbera também nas conjecturas de Rogge (2014), sobre a emergência de um espaço para admitir corpos de entes falecidos, sejam o de viajantes, tropeiros, bandoleiros anônimos ou até mesmo integrantes das incipientes

comunidades locais. Neste aspecto, o local também lembra uma modalidade funerária, conhecida como os *cemitérios de fazendas*, espaços particulares destinados ao sepultamento, que normalmente localizados no topo de uma coxilha, em campo aberto, nos quais via de regra, eram sepultados os membros de uma mesma família, tendo como origem o sepultamento de um chefe de família, sendo em alguns casos originados no local onde foi morto o proprietário da fazenda. À exemplo do Cemitério Redondo, os campos santos de fazendas, são invariavelmente cercados por muros de taipa (PIAZZA; RIBEIRO; POZENATO, 2002 p. 78)

Aprofundando a sugestão inicial de que o local concentrava-se em um ponto estratégico de vastas passagens, nos apropriamos de Rogge (2014) e Souza (1994), que nos oferecem a compreensão de que o cemitério ficava às margens do trajeto do Picadão, uma passagem antiga, que remonta a Revolução Federalista (1893 – 1895), aberta pelo Cel. Manoel Fabrício Vieira, que conforme Regalin (2016), se estendia na longitudinal, entre a região onde surgiria no início do século XX Rio Capinzal e Marcelino Ramos, oferecendo ligação com Pinhal do Machadinho, entre outros povoados gaúchos. O conhecido caminho, muito usado por tropeiros e mascates, concorreu para que picadas e encruzilhadas tornassem o interior dos sertões regionais, movimentados ramais que atendiam à uma vasta região além-fronteiras (Haro, 1950; Souza, 1994).

Nos primeiros anos do último século, a notícia da construção da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, era recebida com grande entusiasmo no Vale do Rio do Peixe, levando o recém-chegado colonizador Max Dobbrunz, a instalar uma serraria na região do cemitério, dando origem em seguida à comunidade de nome homônimo. A necessidade de ligação entre a localidade e a vila que se estalaria às margens do rio do Peixe, alguns quilômetros à jusante, levou a abertura das primeiras picadas acessíveis para carroças nas áreas de mata. A tarefa assumida por Jesuíno Antonio de Oliveira, um colonizador, também contribuiu com o comércio de Joaquim Pinto, outro novo morador que escolheu a região para instalar um alambique para atender a demanda por cachaça para os turmeiros da ferrovia. Um terceiro migrante a se estabelecer na região, foi Manoel de Oliveira, em 1909, que à exemplo dos demais, seria supostamente descendente de caboclos ou luso-brasileiros. A colonização alemã e italiana, não tardaria por chegar, a partir das iniciativas de Leopoldo Ko Freitag, que em 1913, instalou-se na Vila Rio do Peixe, passando a operar uma empresa colonizadora, vocacionada a receber agricultores e comerciantes das Colônias Velhas Gaúchas, da região de Montenegro-RS. A evidenciação do pioneirismo da presença cabocla na região, não objetiva tão somente distinguir as etnias que compuseram as comunidades locais, mas essencialmente demonstrarmos o protagonismo de um

grupo de migrantes que por vezes é mantido à margem da historiografia oficial das áreas contíguas ao rio do Peixe (HARO, 1950 p. 16-23).

A marca indelével dos primeiros tempos, se manifesta fortemente no protagonismo central do Cemitério Redondo: Um mapa de 1950, do recém emancipado município de Piratuba, o qual apresenta um croqui das estradas rurais do período, mostra a localização do cemitério, posicionado em local estratégico no ponto que aparece em vermelho.

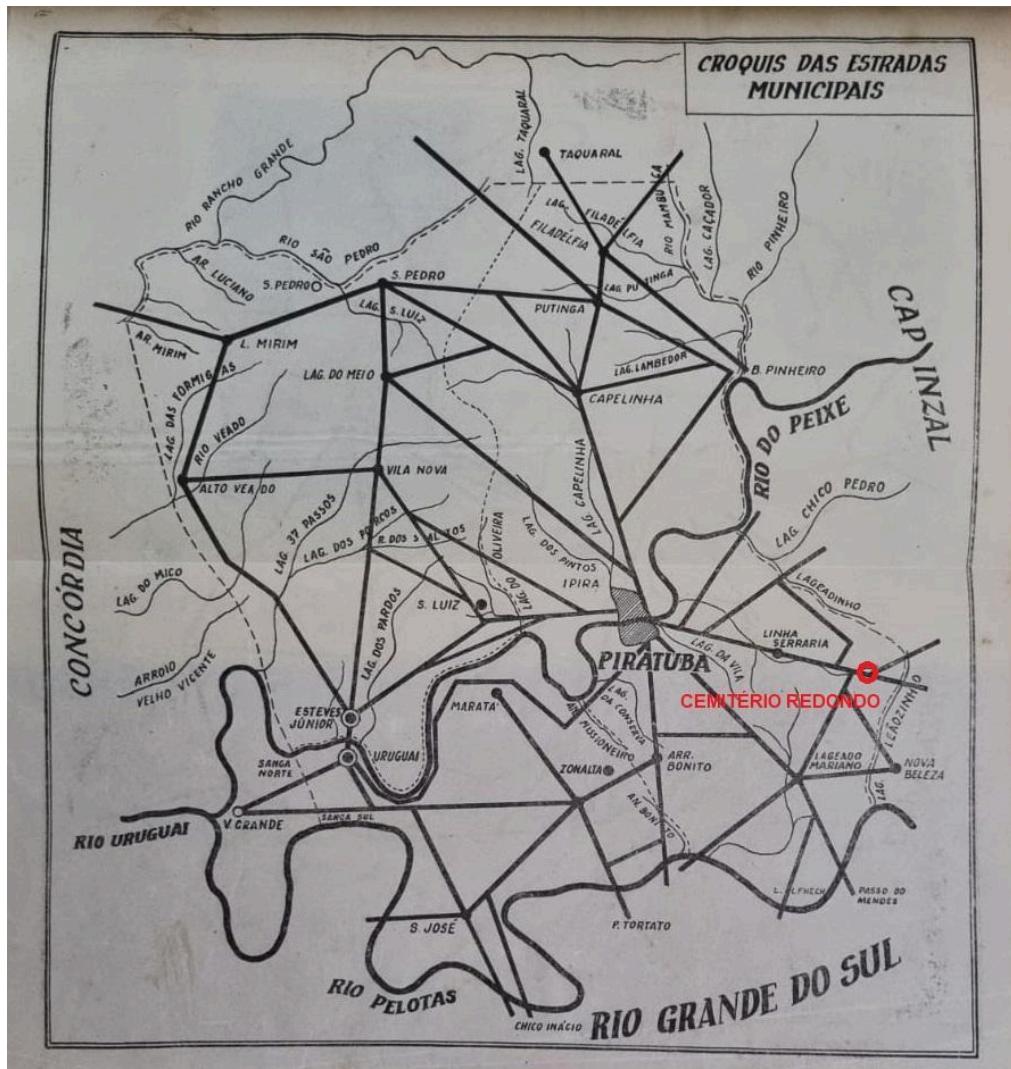


Figura 3: Mapa das estradas Municipais de Piratuba - 1950. **Fonte:** Acervo Pessoal – Piratuba - SC (2025)

O traçado das estradas recriam com certa fidelidade as antigas picadas abertas na região, feitas inicialmente pelos tropeiros. A imagem mostra o ponto de localização do cemitério, na região entre Nova Beleza e Linha Serraria, demonstrando certa relação do mesmo, com antigos caminhos alternativos de tropas, os quais interligaram a região. Para converter tal relação, convém entendermos o processo de povoamento da região o qual pode ser dividido em três grandes ciclos, cada um marcado por distintos agentes socioeconômicos e culturais:

Inicialmente, o território foi habitado pelos povos *Kaingang* e *Xokléng*, integrantes do amplo tronco Jê ou Tapuias, que se estabeleceram na região desde aproximadamente 5.000 a.C., chegando pelo rio Uruguai (ROSSETO, 1960). Enquanto os *Kaingang* mantinham aldeias permanentes em pontos elevados do Planalto, praticando caça, coleta, horticultura e artesanato em cestaria, os *Xokléng* exibiam um modo de vida nômade, migrando sazonalmente entre o Litoral (no verão) e o Planalto (no outono), em função da disponibilidade de pinhão, caça e frutos silvestres (BRANDT, 2012). As rivalidades territoriais, sobretudo durante a safra do pinhão, e as constantes disputas com grupos vizinhos moldaram um panorama de controle e resistência indígena que durou até a chegada dos primeiros colonizadores europeus (MATIELO, 2023).

Com o avanço das trocas entre portugueses e índios guaranis, desenvolveu-se uma população cabocla miscigenada que se expandiu pelo Sertão. Valentini (2003), ressalta que, diferentemente do Litoral, que já abrigava núcleos como Desterro e Laguna desde o século XVI, o Planalto permaneceu isolado até as incursões de bandeirantes e tropas. A consolidação do Caminho das Tropas, a partir de 1728, e a abertura de rotas como a travessia de Cristóvão Pereira de Abreu e Francisco de Souza e Faria (1831), permitiram o trânsito de gado e pessoas, estimulando a formação de fazendas e pequenos povoados (LIMA, 1996; VALENTINI, 2003; MACHADO, 2004). Esse ciclo alcançou seu ápice quando o crescimento das estâncias e a pressão dos grandes proprietários levaram à Guerra do Contestado (1912–1916), expressando conflitos de terra, poder coronelista e resistências sertanejas.

Após o conflito, iniciou-se a terceira fase de povoamento, caracterizada pela chegada de imigrantes europeus, principalmente alemães, italianos e poloneses, atraídos pela instalação de ramais ferroviários no Vale do Rio do Peixe (VALENTINI, 2003). A ferrovia não só facilitou o escoamento da produção agropecuária como também intensificou a ocupação de áreas antes remotas, consolidando vilas e estimulando a economia de erva-mate e pecuária de leite. Paralelamente, veteranos da Guerra do Contestado e migrantes gaúchos, remanescentes das revoluções Farroupilha e Federalista, reforçaram a presença luso-brasileira, dando origem a uma

sociedade rural marcada pela estrutura de Sociedade Pastoril e pelas relações de compadrio e coronelismo (TOMAZI, 2010; PESAVENTO, 1983).

Feita a devida digressão, que nos permite um mergulho de maior rigor no processo de povoamento, avançamos para o período que denota a colonização das áreas costeiras dos rios do Peixe e Uruguai. É neste contexto que se forma um mosaico identitário local, em que comunidades como Uruguai, Picada Gamela, Navegantes e Zonalta, no antigo Picadão, passam a ser cultivadas por colonizadores gaúchos, especialmente de origem cabocla, os quais transformaram a produção dos alambiques e das atafonas em uma crescente linha produtiva, que partia de trem rumo ao abastecimento de centros consumidores (SPANHOLI, 2025).

Os colonizadores ergueram suas casas e construíram seus próprios moveis e utensílios com a madeira nativa extraída da própria floresta. As cantigas caipiras, influenciadas pelos tropeiros, que cruzavam caminhos rumo a São Paulo, e as animadas rodas de viola, inspiraram as longas noites de serão. Assim, em cada história ou caso contado no entorno do fogão a lenha, as longas prozas na roda de chimarrão, foram capazes de constituir no imaginário popular, uma reverência ao Cemitério Redondo, que divide opiniões entre o sagrado e o sobrenatural (SPANHOLI, 2025). Para Rogge (2014), o cemitério, que muito possivelmente seja um dos mais antigos da região, manteve sua importância ao longo de um grande período, sendo também uma referência como ponto de parada obrigatória e amplo local de descanso, com aguada nas proximidades. Por fim, Souza (1994), faz sua salvaguarda sobre o local, alertando que apesar de ter sido evidenciado como o local onde ocorriam desentendimentos, assaltos e mortes, o cemitério concedeu descanso e paz aos que em suas terras foram acolhidos pela última morada, afirmando que passadas as primeiras décadas do século passado, já em 1960, quando de sua atuação policial pela região, o cemitério era visto mais como um sinal de paz e abnegação ao crime, tendo deixado as agruras suplantadas pelo passado. Revela Souza (1994), que mais temido que a própria ação da autoridade policial, as longas distâncias de cerca de 60 km em que o acusado era obrigado a percorrer à pé entre o interior de Piratuba -SC e a comarca que ficava em Campos Novos-SC, permitiam diversos avanços nas ações conciliatórias.

Mod. 5



ESTADO DE SANTA CATARINA

O Governador do Estado , resolve

D E S I G N A R:

SEGURANÇA PÚBLICA

BATISTA DE SOUZA, para exercer as funções de
primeiro suplente do sub-delegado de polícia do distrito-
de Uruguai, no município de Piratuba.

Palácio do Governo, em Florianópolis, 17 de
maio de 1960.

Two handwritten signatures in black ink. The top signature appears to be "Batista José de Souza" and the bottom one is likely a government official's name.

Figura 4: Nomeação de Batista José de Souza. **Fonte:** Acervo Pessoal – Piratuba - SC (2025)

Outro aspecto que merece destaque neste estudo é o fato de que o Cemitério Redondo representa para a comunidade, uma espécie de monumento à resistência, dadas as profanações e violações sofridas ao longo do tempo: O episódio relatado por Ribeiro (2007), em que o espaço teria sido usado como curral para abrigar o gado ao longo de uma tropeada, soma-se à indiferença sobretudo da sociedade, que permitiu que por décadas a última morada de dezenas de figuras humanas, mantivesse-se ignorado. Apesar de reassumido pela comunidade local e o poder público, o espaço ganhou maior notoriedade nos últimos anos pelos ataques do que pela beleza e história contida no ambiente. O aviltamento indigno, aconteceu em 2005, envolvendo rituais de magia negra e atos que escandalizaram o local. Moradores da localidade acionaram as autoridades após terem se deparado com um cenário de horrores, com vísceras de animais espalhadas por sobre as sepulturas, além de cabeças de cabras e partes de corpos penduradas na cruz central. O escândalo teve consequências ainda piores para o patrimônio, já que velas acesas ao longo do rito, causaram um princípio de incêndio, consumindo em fogo o já debilitada árvore que teria surgido da cruz de cedro (A SEMANA, 2025).

Dois anos depois, em 2007, a indesejada situação de desrespeito aos mortos, volta a se repetir, levando a Polícia Civil a instaurar um inquérito para apurar a violação da sepultura do agricultor Luiz Ribeiro, já inferido neste texto. A profanação, destruiu parcialmente a sepultura, causando a exposição dos restos mortais revirados. O ato causou espanto até mesmo no Investigador Stelmar Marcio Senger, responsável pelo expediente na Delegacia de Piratuba, que mesmo com a mobilização de esforços, não conseguiu identificar os autores do ato que chocou a região (A SEMANA, 2025).

Apesar das máculas causadas pelas profanações e rituais sombrios, o Cemitério Redondo segue erguido, como um testemunho vivo de resistência e memória coletiva, mostrando que mesmo em solos marcados pela violência, a história e a identidade de um povo encontram forças para renascer!

4. Considerações Finais:

O presente estudo evidenciou que o Cemitério Redondo, mais do que simples espaço de sepultamento, constitui-se como testemunho vivo dos processos de violência, resistência e formação social no Vale do Rio do Peixe. A investigação histórica, ancorada em fontes documentais e em depoimentos orais, revelou o papel central dos sujeitos caboclos e tropeiros na ocupação do território e na construção de

narrativas coletivas, muitas vezes silenciadas pelos registros oficiais. Os três ciclos de colonização: indígena, caboclo-luso-brasileiro e imigratório europeu-ferroviário, configuraram paisagens e práticas funerárias que se entrelaçam no formato circular do campo santo, símbolo de uma memória híbrida e pluricultural.

Ao aceitarmos o Cemitério Redondo como uma baliza da presença humana no período de transição entre os povos originários e o início da colonização do território do atual município de Piratuba, pertencente até então município de Campos Novos, lugar que passaria a pertencer a Vila do Rio do Peixe, em 1910, com o início da operação de trens pela Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, estabelecemos um marco temporal, que coloca os povos caboclos, como os primeiros colonizadores da tríade étnica que combina descendentes de alemães, italianos e portugueses (lusobrasileiros), no processo de ocupação de desenvolvimento agrícola do que seria mais tarde a cidade turística. Com base nos relatos de Ribeiro (2007), podemos ponderar que dadas as condições do local, e os procedimentos que levaram ao cercamento do espaço, que o Cemitério Redondo, não foi sobretudo um espaço criado por povos originários, destinado ao recebimento de indígenas e sim ao acolhimento de corpos de tropeiros, viandantes e colonizadores.

As profanações e rituais profanos, embora traumáticos, impulsionaram o reconhecimento comunitário do local, provocando ações de preservação e inserindo-o em roteiros turísticos. Assim, o Cemitério Redondo assume-se hoje como monumento à resiliência local, capaz de converter dor e esquecimento em patrimônio histórico-cultural, estimulando reflexões sobre a relação entre memória, território e identidade!

Referências

ARAÚJO, L. M.; SANTOS, P. R. Necroturismo: memórias e paisagens funerárias no Brasil. *Revista Turismo & Memória*, v. 5, n. 2, p. 45–60, 2020.

A SEMANA. Disponível em: [Vândalos profanam túmulo no Cemitério Redondo - Jornal A Semana](#). Acesso em 25 de junho de 2025.

BRANDT, Marlon. *Uma História Ambiental dos Campos do Planalto De Santa Catarina*. Florianópolis. 332 f. Tese (Doutorado em História). – Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

CIDADE DE SÃO PAULO. Cemitério da Consolação. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cemiterio_consolacao. Acesso em: 28 jun. 2025.

CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Cemitério São João Batista. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/saointonio_cemiterio. Acesso em: 28 jun. 2025.

D'ANGELIS, Wilma. *Toldo Chimbangue: Aspectos de uma experiência de educação escolar indígena*. Florianópolis: UFSC, 1984.

ESPIG, Márcia Janete. *Personagens do Contestado: Os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1.908 -1915)*. Porto Alegre. 431 f. Tese (Doutorado em História). – Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

FRANCO, M. S. C.. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1997.

HARO, Rubem. *História do município de Piratuba*. 1950.

HISTORIC England. *The Cursus, two round barrows situated within its western end, and a long barrow situated at its eastern end, Durrington, Wiltshire*. AncientMonuments.uk. Disponível em: [The Cursus, two round barrows situated within its western end, and a long barrow situated at its eastern end, Durrington, Wiltshire](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=The_Cursus,_two_round_barrows_situated_within_its_western_end,_and_a_long_barrow_situated_at_its_eastern_end,_Durrington,_Wiltshire). Acesso em: 28 jun. 2025.

LIMA, Jarbas. *O tropeirismo e o surgimento de Lagoa Vermelha. Raízes de Lagoa Vermelha*. I Encontro dos municípios originários de Lagoa Vermelha. Porto Alegre: EST, 1996.

LINO, Jaisson Teixeira. Os cemitérios da Guerra do Contestado (1912-1916): aspectos historiográficos e arqueológicos. *Goiânia*, v. 10, n. 2, p. 187–201, jul./dez. 2012.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: A formação e Atuação das Chefias Caboclas (1912 – 1916)*. 1ª Ed. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2004.

MATIELO, Ernoi Luiz. *A Saga Indômita de Zeca Vaccariano: Muito Além do Assalto ao Trem Pagador*. Chapecó. 151 f. Dissertação (Mestrado em História). – Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal da Fronteira Sul, 2023.

OLINDA (Prefeitura Municipal). Cemitério de São Miguel Arcanjo. Disponível em: http://www.olinda.pe.gov.br/saomiguel_cemiterio. Acesso em: 28 jun. 2025.

OLIVEIRA, Soeliton de. *Soeliton de Oliveira: entrevista [jun. 2025]*. Entrevistador: Ernoi Luiz Matielo. Piratuba, SC: Projeto Cinema Social de Guerrilha: A Mobilização Imagética Nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil, 2025. 1 sonora. Entrevista concedida ao Projeto Cinema Social de Guerrilha: A Mobilização Imagética Nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Federalista*. São Paulo – SP: Editora Brasiliense S.A., 1983.

PIAZZA, Cleodes Maria; RIBEIRO, Júlio; POZENATO, José Clemente (org.). *Caminhos & passos: aspectos históricos e culturais da área da Usina Hidrelétrica Machadinho*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

REGALIN, Nilva. *Nilva Regalin: entrevista* [abr. 2016]. Entrevistador: Ernoy Mattiello. Capinzal, SC: Rádio Barriga Verde AM Capinzal, 2016. 1 sonora. Entrevista concedida ao Jornal Barriga Verde - Edição Especial de Sábado.

RENK, A.. *A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense*. 2^a ed. rev. Chapecó: Argos, 2006.

RIBEIRO, Salete. *Salete Ribeiro: entrevista* [fev. 2007]. Entrevistador: Soeliton de Oliveira. Piratuba, SC: Acervo Pessoal. 1 sonora. Entrevista concedida a formação de Acervo Pessoal.

ROSSETTO, Santo. *Síntese histórica da Região Oeste*, Cadernos do CEOM, v.I, no I (1960) p.7

ROCHA, Humberto José da. *Peculiaridades sobre o Banditismo Social no Sul do Brasil entre os séculos XIX E XX*. XV. Encontro Estadual de História AMPUH RS, História & Resistência – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS: 2020b.

ROGGE, Cláudio Victor: *Piratuba Terra Boa* – vol 2. 1^a ed. Piratuba, SC: Gráfica Sulocidente, 2009.

SALVADOR (Prefeitura). Cemitério de Santa Ifigênia. Disponível em: http://www.salvador.ba.gov.br/cemiterio_ifigenia. Acesso em: 28 jun. 2025.

SAVOLDI, Adiles. *A história, a luta, e a vida dramatizadas pelos alunos Kaingang na Terra Indígena Toldo Chimbangue de Chapecó*, SC. In: 32^a Reunião Brasileira de Antropologia, 2020.

SOUZA, Batista José de. *Batista José de Souza: entrevista* [nov. 1994]. Entrevistador: Ernoy Mattiello. Piratuba, SC: Arquivo Pessoal, 1994. 1 sonora. Entrevista concedida ao treinamento em reportagem.

SPANHOLI, Adélio, *Adélio Spanholi: entrevista* [jun. 2025]. Entrevistador: Ernoi Luiz Matiello. Piratuba, SC: Projeto Cinema Social de Guerrilha: A Mobilização Imagética Nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil, 2025. 1 sonora. Entrevista concedida ao Projeto Cinema Social de Guerrilha: A Mobilização Imagética Nos Movimentos Sociais do Sul do Brasil.

THOMPSON, Clare. *Death in the Afternoon: The Round Cemetery of Sayalonga*. East of Málaga, 15 jun. 2013. Disponível em: [Death in the Afternoon: The Round Cemetery of Sayalonga | East of Málaga](#). Acesso em: 28 jun. 2025.

TOMAZI, Gilberto. *Mística do Contestado: mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado*. 1^a ed. Xanxerê, SC: News Print, 2010.

VALENTINI, Delmir. *Da Cidade Santa à Corte Celeste: Memórias de Sertanejos e a Guerra do Contestado*. 1^a ed. Caçador, SC: Editora UnC, 2003.

WIKIPEDIA contributors. *Circular Road Cemetery*. Wikipedia, The Free Encyclopedia. Última modificação em 8 mar. 2024. Disponível em: [Circular Road Cemetery - Wikipedia](#). Acesso em: 28 jun. 2025a.

WIKIPEDIA contributors. *Lower Circular Road Cemetery*. Wikipedia, The Free Encyclopedia. Última modificação em fev. 2025. Disponível em: [Lower Circular Road cemetery - Wikipedia](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lower_Circular_Road_cemetery&oldid=11790011). Acesso em: 28 jun. 2025b.